

Festa, cultura e turismo: relações possíveis

Marielys Siqueira BUENO¹

Ricardo FRUGOLI²

Zenir Aparecida Dalla Costa de Melo FERREIRA³

Resumo: A globalização, a movimentação decorrente do turismo e a expansão dos meios de comunicação vão determinar uma maior aproximação entre as pessoas e culturas. A utilização das manifestações culturais como atrativo turístico pode revitalizar a memória coletiva, preservar e valorizar o legado histórico e consolidar o pluralismo cultural, mas teme-se que a espetacularização e a mercantilização das dimensões culturais pela possibilidade de descaracterização devido ao esforço em criar maior atratividade e, assim, comprometer a autenticidade dessas expressões. Através de pesquisa bibliográfica, da observação em pesquisa de campo, de entrevistas, procurou-se avaliar as marcas deixadas por esse intercâmbio em diferentes expressões culturais. Nessa avaliação se percebeu que o turismo ao estimular as manifestações culturais, valoriza as peculiaridades de cada grupo, amplia a sua autoestima e dá um caráter dinâmico e plural na vivência com a alteridade.

Palavras-chave: Cultura. Religião. Folclore. Turismo.

Introdução

Muitas são as definições de cultura enquanto alicerce de uma sociedade. De maneira simplificada pode-se dizer que cultura é a maneira de pensar, de agir e de sentir de um povo ou de uma comunidade.

À medida que um grupo vivencia, preserva e valoriza seu legado histórico ela se identifica com suas práticas, seus costumes e é essa participação coletiva que lhe dá sua identidade de tal maneira que a sua natureza vai ser inteiramente interpretada pela cultura.

O amplo movimento da globalização, juntamente com a intensa movimentação social decorrente do turismo e a incalculável expansão dos meios de comunicação vão determinar uma maior aproximação entre as pessoas, as sociedades e as culturas.

Com a globalização e, na medida em que o movimento turístico se consolida, fica evidente toda a complexidade do processo comunicacional que vai possibilitar a interação entre os grupos e as sociedades gerando, num processo dialético de influência, novos conhecimentos. Hack Neto & Stoll (2013, p. 355) questionam “quão moldável ou quão resistente é o espírito humano, e até que ponto é possível produzir mudança genuína no modo de pensar do indivíduo ou do grupo”.

Os homens ao produzirem suas condições materiais de vida produzem, também, normas, padrões, valores e modos de interação social. Cada realidade interna de uma cultura tem valores próprios que dão sentido às suas práticas, seus costumes. A cultura é histórica e constantemente redefinida num ritmo incessante de construção e reconstrução e na sua trajetória encontramos um

¹ Graduada em Pedagogia. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Goiás. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do programa de pós-graduação da Universidade Anhembi-Morumbi. E-mail – marielysbueno@gmail.com.

² Graduado em Gastronomia, Mestre e doutorando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi-Morumbi. E-mail: [rfrugoli@singular produções.com.br](mailto:rfrugoli@singularproducoes.com.br).

³ Graduada em Tecnologia em Gastronomia. Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi-Morumbi. E-mail: zenirdcmferreira@senac.br.

constante movimento de integração, de conflito e de mudança no seu sistema regulador da vida coletiva.

Evidentemente, esse processo se acelera e se intensifica com o expressivo movimento turístico. Nesse movimento é preciso considerar a mercantilização generalizada que faz com que muitas manifestações culturais se tornem um produto turístico o que leva a uma forte expansão dessas manifestações.

As opiniões são divergentes na avaliação dessa expansão e dessa utilização de manifestações populares como atrativo turístico. Teme-se que esse movimento, pelas proporções da sua interferência, comprometa a autenticidade dessas expressões culturais.

Banducci Jr (2001, p.26) diz que “o debate acerca do turismo por muito tempo orientou-se pela questão dos efeitos da atividade sobre o meio em que se realiza”. De qualquer maneira esse é um movimento irreversível e inevitável, mas a interferência do turismo nas culturas e no ambiente deve ser relativizada, pois outros fatores do mundo globalizado e da modernidade também impõem mudanças significativas e são agentes de uma intensa interação social.

O impacto da utilização de manifestações culturais pelo turismo repercute também na identidade do grupo, pois segundo Barreto e Banducci (2001, p.16).

O turismo passa a ser um dos fatores que desencadeia o processo de aproximação entre o passado e o presente. Inicialmente visto como cultura encenada acaba penetrando nos interstícios do tecido social e transformando-se em movimento cultural do presente com interesse genuíno na valorização e no conhecimento do próprio passado.

Bueno, Cavenaghi, Correa (2012) também observaram essa contribuição das manifestações culturais estimuladas pelo turismo para a revitalização da memória coletiva por oferecer condições favoráveis para a sua manutenção e para a consolidação do pluralismo cultural.

Não há como negar os aspectos conflitivos desse fenômeno social e seria importante uma avaliação das marcas deixadas por esse intercâmbio que cria novas funções e novos elementos sociais.

Teme-se a espetacularização e a mercantilização de dimensões culturais como festas, manifestações religiosas pela possibilidade de descaracterização devido ao esforço em criar maior atratividade, por essa razão propõe-se, nesse trabalho, refletir sobre algumas dessas manifestações culturais que se tornaram atrações turísticas que colocam em cena valores, artes e devoções. Para isso agrupamos duas festas representativas de manifestações folclóricas (Parintins e Festa do Boto); duas festas religiosas cujas manifestações já estão consagradas pela UNESCO; e duas manifestações culturais que, pela sua originalidade, tem um forte apelo turístico – as festividades do dia dos Muertos no México e as gigantescas e ‘misteriosas’ esculturas, os Moais da Ilha de Páscoa. Em todos esses casos fica evidente a observação de Barreto e Banducci (2001, p.8) de que não se pode negar “que as culturas estão se pondo em contato propiciando que turistas e residentes vivenciem a alteridade”. Além da manutenção dessas expressões culturais garantem, também, uma atividade econômica através dessas atrações étnicas.

Tendo em vista essas considerações, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo mediante pesquisas em *sites* da internet, publicações científicas e visitas *in loco*. Essas visitas tiveram o objetivo de observar as manifestações culturais e os relacionamentos entre seus participantes. Foram realizadas entrevistas abertas com os representantes da comunidade e com os participantes das diferentes dimensões das manifestações culturais pesquisadas.

Manifestações folclóricas

As manifestações folclóricas, parte do patrimônio histórico cultural tornou-se uma importante atividade turística que é, segundo Banducci e Barreto (2001) “ainda mais importante para a comunidade que mantém relação de valor para com ela, pois à medida que tal comunidade preserva e valoriza seu legado histórico, ela reconhece-se através de suas práticas e saberes e amplia a noção de autoestima e cidadania de seus participantes”.

Festa de Parintins (Amazonas, Brasil).

Parintins é uma das festas que escolhemos para essa reflexão. Trata-se de uma festa grandiosa que privilegia o imaginário e que, para a sua realização, mobiliza grande parte da comunidade durante o ano todo. Há uma participação efetiva da comunidade através da distribuição de funções no planejamento de produção que favorece, entre outros aspectos, a formação de um sentido de pertencimento que nutre a identidade local.

O folclore do Boi-Bumbá é uma variação, com dimensões espetaculares, de um tema comum em várias regiões do Brasil. Tradicionalmente era uma brincadeira de rua na qual os brincantes saiam pelas ruas festejando, cantando e encenando a matança do boi na casa dos mais ricos. Em troca, o dono da casa comprava a “língua do boi”. A lenda que dava origem a essa brincadeira diz respeito a um vaqueiro que mata o boi do fazendeiro rico para satisfazer o desejo de sua mulher grávida de comer ‘língua de boi’. O fazendeiro descobre e só perdoará o vaqueiro se o boi for ressuscitado. Médico e padre tentam, mas fracassam. Na Amazônia é introduzida a figura do pajé que, através da magia ressuscita o boi. A figura do pajé e outros temas indígenas marca a singularidade do Festival de Parintins. E, em Parintins essa brincadeira ganha espaço, amplia suas dimensões e, transfigurada, se abre para um mundo imaginário.

A apresentação com a forma de espetáculo como é conhecida hoje, passa a ser realizada na praça da igreja Nossa Senhora do Carmo e, em 1966, o festival ganha um caráter competitivo entre o Boi Garantido e o Boi Caprichoso com o objetivo de agradar o público e ganhar o título de melhor do festival. Com esse caráter competitivo a apresentação da festa ganha novas proporções e com isso, em 1988 é inaugurado o Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes que comporta 35 mil pessoas que ficou conhecido como ‘Bumbódromo’ numa alusão comparativa ao Sambódromo do Rio de Janeiro.

Os bois Garantido e Caprichoso apresentam-se durante 2 horas e meia (no início eram 3 horas) por três dias. No enredo a da lenda do boi é dramatizada, mas, aos poucos, para compor o espetáculo, figuras do folclore regional foram acrescentadas. A festa adquire proporções monumentais. As alegorias são ricas e sofisticadas que exigem planejamento e requer múltiplos talentos. A elaboração do enredo vai permitir a comunidade falar a sua história, redinamizar seu imaginário e a cidade ganha visibilidade pela proporção atingida pela festa.

A cidade recebe milhares de turistas que passeiam, dançam, compram artesanato e disputam nas barracas os pratos típicos e os sucos de frutos ‘afrodisíacos’. As margens do rio ficam lotadas com as embarcações típicas do Amazonas com dois ou três andares e redes para acomodar os passageiros e, também, cruzeiros internacionais trazem turistas estrangeiros.

Quando esses cruzeiros chegam fora da temporada da festa, são feitas apresentações especiais, sem as alegorias, mas com os dançarinos, em fantasias luxuosas, fazendo coreografias típicas do festival. Depois, os dançarinos abrem espaço para os turistas participarem e todos aderem ao ritmo contagiante.

Apesar da presença do turismo significar uma atividade econômica, a elaboração do festival manifesta-se como um fenômeno de cultura.

Essa tradição encenada para o turismo provoca reações diferentes entre os moradores. Andrade (2002, p.185) diz que alguns saudosistas preferem as brincadeiras antigas quando o boi saia às ruas iluminadas pela luz da lamparina, mas em seu artigo 'Arte e Cultura Regional' traz também vários depoimentos dizendo que os bois têm "contribuído bastante para o fortalecimento da cultura parintinense" e que "os bois despertaram o sentimento nativista que estava adormecido dentro de nós". Esses e muitos outros depoimentos mostram que a festa do Boi lhes permite falar mais vigorosamente da sua história e um morador admitiu que antes eles eram conhecidos pela pobreza e agora atraem milhares de turistas.

Festa do Boto (Alter do Chão, Pará, Brasil).

Em 1980 começa oficialmente, na vila balneária de Alter do Chão a 40 km de Santarém, oeste do Pará, o Festival Folclórico do Sairé (Çairé para alguns historiadores). Em 1997, a festa que era realizada em julho foi transferida para setembro em razão do verão amazônico.

O Sairé é uma manifestação religiosa da cultura popular da Amazônia que remonta ao período da colonização introduzida pelas missões evangelizadoras dos padres jesuítas no fim do século XVII. Assim, o Sairé surge com o objetivo de fazer com que os índios assimilassem os elementos da igreja católica.

Na sua origem, a festa do Sairé era apenas uma procissão na qual era conduzido o 'Sairé na forma de um semicírculo representando a Santíssima Trindade e um só Deus (os participantes dizem que é uma criação indígena com base nos escudos portugueses).

Com o desenvolvimento da atividade turística essa cerimônia que havia sido interrompida em 1943 por questões religiosas, foi reativada e a ela foi acrescentada outras manifestações folclóricas na encenação da Festa do Boto.

Também o Sairé ganhou novos elementos e novos rituais. Atualmente, cinco dias antes da festa acontece a busca dos troncos de árvores na floresta que são levados numa procissão fluvial até a praia do Cajueiro. No início das festividades, os devotos saem da praça central em procissão para buscar os mastros. A procissão para buscar os mastros é liderada pelo capitão à frente e seguido pelos dois alferes. Em seguida vem a saraipora que carrega o Arco do Sairé ladeado pelas moças da fita e em seguida vêm os rufadores. Esse cortejo é seguido pelos participantes e por turistas que acompanham as festividades. Na volta seguem a mesma formação cantando, agora com os mastros, um carregado pelas mulheres e outro pelos homens. Acompanhando esse percurso notamos que o clima entre os participante que carregavam os mastros era lúdico, pois ao longo da caminhada até a praça trocavam brincadeiras divertidas e maliciosas.

Ao chegar à praça inicia-se a competição entre os homens e as mulheres que disputam para ver quem será o primeiro a levantar o mastro. Os mastros são decorados com flores e frutos e são levantados em frente à capela feita de madeira e decorada especialmente para a ocasião. A partir daí começa a cerimônia das rezas e ladainhas que duram três dias. Toda noite, antes das rezas é realizada uma pequena procissão ao redor dos mastros. Sempre liderado pelo capitão, pelos alferes, a saraipora, a moça das fitas, o juiz, a troneira e juíza seguidos pelos rufadores. No final das festividades os frutos e as flores são derrubados de jogados para os participantes da festa. No último dia, na segunda feira, ocorrem a 'varrição da festa', a derrubada dos mastros e a 'ceculara' (almoço de confraternização). A temporada se encerra com a festa dos barraqueiros'.

Ao lado da 'Capela do Sairé' fica um palco onde são apresentados os shows de cantores e bandas especialmente convidadas para o conjunto de atrações do Festival.

No domingo, o ponto alto das festividades é a festa do Boto na qual grupos folclóricos criam danças e coreografias para encenar o tema escolhido para a apresentação da temporada. A competição entre o Boto Cor-de-rosa e o Boto Tucuxi anima a torcida – cada um apostando no 'seu boto'.

O enredo da apresentação tem sempre como base a lenda do Boto, o irresistível sedutor amazônico. Dizem que nas festas, o boto comparecia sempre de chapéu à cabeça, elegantemente vestido de branco e procurava seduzir as mulheres. O núcleo principal da apresentação é a coreografia da sedução e a morte do boto por ordem do Tuxaua, pai da Cunhatã Iborari que foi engravidada pelo boto. Em seguida recai sobre o pai a fúria dos maus espíritos e a pedido do próprio Tuxaua vem o pagé ressuscitar o boto. O enredo tem uma ideologia ecológica, pois ressalta a natureza.

Antecedendo a representação dos botos são apresentados vários temas folclóricos – danças e músicas como o camelu, a desfrutadeira, o lundu, a valsa da ponta do lenço, a quadrilha entre outras que marcam a riqueza dos ritmos da festa.

O formato da apresentação dos botos segue o modelo dos bois de Parintins, pois todos os anos os botos Cor de rosa e Tucuxi disputam o prêmio de melhor do ano que é escolhido por uma comissão julgadora.

Durante o período do festival a movimentação na praça principal é intensa, um grande número de barracas servem bebidas e comidas variadas. Turistas e habitantes que não participam da cerimônia religiosa ficam nas mesinhas que são amontoadas na frente dos quiosques, e quando termina a ladainha a praça é animada por músicas e shows.

O encerramento do festival se dá na segunda-feira com a derrubada dos mastros que são levados, pelos participantes, para um terreno perto da praça, depois com o almoço de confraternização e a programação termina, à noite, com a festa dos barraqueiros.

Durante os dias de festas, os turistas circulam pela cidade lotando os bares com comidas e bebidas típicas e comprando artesanatos nas lojas espalhadas pelos arredores da praça.

Manifestações culturais

Tapati Rapa Nui (Ilha de Páscoa, Chile).

A ilha de Páscoa, província chilena, é considerada a região habitada mais isolada do restante do mundo – qualquer terra mais próxima está a uma distância de 3500 km. Seu nome se deve ao fato de ter sido descoberta pelo holandês Jacob Roggeven num domingo de páscoa em 1772. A ilha é designada pelos nativos de Rapa-Nui que significa ilha grande.

Comerciantes europeus tomaram posse da terra e introduziram o gado bovino. Em 1888 a ilha foi anexada ao Chile e nela foi implantada a criação de ovelhas administrada por uma empresa escocesa estabelecida no Chile. Os nativos que passaram a trabalhar na condição de escravo se revoltaram, mas foram dominados pelos chilenos e só em 1966 foram reconhecidos como cidadãos chilenos.

O principal símbolo da ilha são as gigantescas esculturas – os Moais – espalhadas pela ilha. Essas esculturas, esculpidas em pedras vulcânicas são figuras humanas que apresentam o mesmo formato variando apenas em detalhes e em dimensões. Uma aura de mistério envolve sua origem devido às condições concretas para a sua execução e seu transporte de certa forma incompatível

com os recursos dos nativos daquela época – e é justamente esse aspecto que atrai turistas do mundo todo.

Há diversos voos semanais vindos de Santiago e do Taiti atraídos pelas famosas esculturas. A ilha foi, por essa razão, introduzida num núcleo turístico de roteiros internacionais.

A composição dos habitantes da ilha foi alterada em razão da presença dos turistas. De acordo com Petero Avaka Teao, o rapa-nui que ocupa o lugar de prefeito, a população antes era formada por 2800 rapa-nui e 400 forasteiros e diz que hoje a população estrangeira fixada na ilha talvez ultrapasse 6500 sendo que o aumento dos rapa-nui foi muito pequeno não passando muito dos 3000. Esse aumento de estrangeiros se deve à necessidade de atender a demanda turística. A senhora Jimena Takena, rapa-nui coordenadora local da CONAF⁴, responsável pelos parques em território chileno disse que a ilha de Páscoa recebia aproximadamente 200 visitantes/ano até meados de 2000 e que hoje chega a receber 100000 visitantes/ano. Essa é uma característica interessante do turismo da ilha, pois toda estrutura da recepção ao turista está na maior parte sob a responsabilidade dos estrangeiros que se instalaram na ilha. A maior parte dos restaurantes sofisticados, as lojas de artesanato, a organização dos passeios pertencem aos estrangeiros – mas todos oferecendo tanto no conteúdo quanto na estética os traços da cultura rapa-nui.

Os nativos ainda não dominam os padrões profissionais de atendimento a um turismo de nível internacional. Uma guia confirmou essa dificuldade dizendo que os nativos não gostam de obedecer a horários e preferem manter certa liberdade na oferta de seus serviços. No entanto, a necessidade econômica os obriga cada vez mais a ingressar no mercado de maneira mais profissional. Além disso. Por não estarem preparados, eles se inserem nesse mercado principalmente como prestadores de serviços. Ainda existe certa tensão entre os estrangeiros que se estabeleceram na ilha e os nativos, porém renasce no pascoense o orgulho cultural pela valorização de sua cultura pelo turismo.

Mas os nativos sabem que possuem traços culturais valorizados pelos turistas e tem consciência da importância do turismo para sua sobrevivência econômica e buscam uma afirmação de suas características étnicas na forma como recebem e tratam os turistas.

Uma atividade que, de certa forma, permite uma reafirmação de sua identidade étnica é a apresentação da Tapati Rapa Nui, festa na qual vivem certas tradições culturais. Em meados da década de 60, cria-se esse evento na primeira quinzena de fevereiro no qual os pascoenses organizam uma série de atividades festivas e competitivas para relembrar o 'Homem Pássaro'. Para esse evento a ilha é dividida em dois grupos representados por um competidor e o grupo participa com ele nas diversas provas tanto antigas quanto modernas que são realizadas a fim de eleger o vencedor, simbolizando o antigo Ariki. Na praça montam um enorme palco com motivos da cultura nativa como cenário e apresentam danças, músicas típicas, brincadeiras tradicionais e todas dentro do caráter competitivo.

Durante as apresentações moradores e turistas assistem nas cadeiras dispostas na frente do palco ou nas mesinhas colocadas na frente das barracas que servem comidas e bebidas.

As características do turismo na ilha de Pascoa confirma a observação de Barreto e Banducci (2001, p.12) de que "a globalização não consiste na substituição de identidade, mas na articulação entre elas".

⁴ Corporación Nacional Forestal ligado ao Ministério da Agricultura do Chile.

Celebrações do dia dos Muertos (México)

No processo de expansão do turismo observa-se um interesse pelas produções culturais populares tradicionais. Um exemplo disso são as festividades do dia dos Mortos do México que atrai milhões de pessoas anualmente. Essas celebrações tomam conta das cidades do México, e as festividades da capital é, no dizer de Florêncio (2014, p.24)) uma das expressões mais significativas da fascinação dos mexicanos pelas festas e reuniões públicas”.

Mas entre todas as suas festividades as celebrações do Dia dos Mortos é um traço pitoresco e original que tomam conta das cidades e revelam um comportamento singular da relação dos mexicanos com o tema da morte. Os mexicanos acreditam que no dia dos Mortos as almas voltam para visitar seus familiares. É uma ocasião de intensos preparativos para recebê-las. Como é preciso guia-las no caminho de volta, fazem arcos floridos, simbolizando a porta da casa e um sinal de boas vindas. Nessas belas decorações floridas, o crisântemo tem destaque, pois acreditam essa ‘flor de quatrocentas pétalas’ atrai e guia a alma dos mortos.

Trata-se de uma das tradições mais importantes do México e uma das suas festas mais animadas e foi declarada como patrimônio da Humanidade pela UNESCO que ressaltou sua importância dizendo que “esse encontro anual entre as pessoas que celebram seus antepassados, desempenha uma função social que recorda o lugar do indivíduo no seio do grupo e contribui na afirmação da identidade. (Wikipédia).

Nesse dia, as famílias preparam os pratos favoritos de seus mortos, enfeitam a casa com velas, flores, incenso – tudo para animar a celebração. Montam belos e coloridos altares, chamados de ‘oferendas’ onde colocam fotos, comidas e bebidas preferidas e os itens mais apreciados pelo homenageado.

Mas essas tradições agora tem uma dimensão coletiva e a prefeitura promove várias festividades na cidade. Ornamentos temáticos embelezam e colorem as ruas. A cidade se enfeita, as vitrines decoradas embelezam e colorem as ruas - caveiras decoradas com motivos coloridos, esqueletos em representações festivas. Uma figura muito presente é a ‘Dama de la Muerte’ esqueleto de mulher relacionada com La Catrina famosa representação do pintor e cartunista José Guadalupe Posada (a Dama de la muerte vestida elegantemente, com decote sensual, chapéu florido). As padarias expõem pequenos caixões fúnebres de chocolate, caveiras coloridas feitas de açúcar, pão dos mortos e todo o comércio fica decorado com papel colorido recortado formando um rendado muito elaborado, típico artesanato mexicano.

A prefeitura decora a praça principal da cidade e promove apresentações, a população participa e adultos e crianças se fantasiam com trajes insólitos que imitam esqueletos, máscaras de caveiras, fantasias da dama de la Muerte. Tudo muito lúdico, festivo e alegre.

Nesse ano de 1914 a decoração da praça central constava de caveiras enormes com decoração homenageando pessoas famosas e um conjunto musical formado por esqueletos. A prefeitura promove também um concurso de ‘oferendas’. Essas oferendas são montadas na calçada para serem admiradas pelos visitantes. São trabalhos sofisticados e muito elaborados com pinturas, arranjos florais e geralmente fazem uma representação cênica de um tema relevante ou uma homenagem importante. Uma comissão é encarregada de eleger e premiar as melhores oferendas e as mais originais.

Nos cemitérios o clima é de festa e de emoção. Montam ricas oferendas na entrada e os familiares e amigos se reúnem, preparam comidas, fazem serenatas. Vale tudo para agradar o morto. Na saída do cemitério as ruas apresentam muita animação – carrinhos com comidas, bebidas, bonecos decorados e muitas casas com fogueiras nas portas que, conforme nos informaram, era

para orientar a volta da alma das crianças. Aliás, eles acreditam que as crianças voltam no dia 1 e que os adultos só no dia 2.

Menezes (1996, p.89) fala em direito à cultura como equivalente ao direito à diferença. Assim, diz ele “ao respeitar as tradições o turismo pode ser um agente revitalizador da memória cultural por incentivar a manifestação dessas tradições sempre ameaçadas pela modernidade”.

Manifestações religiosas

Festa do Divino (Pirenópolis, Goiás, Brasil).

A festa do Divino de Pirenópolis, também conhecida como festa da Cavahada é outro exemplo de expansão das manifestações populares em função do turismo.

Essa festa é realizada desde 1819 e embora seja uma festa religiosa a ela foram acrescentadas várias manifestações profanas o que já provocou alguns conflitos com as autoridades religiosas. Embora a devoção esteja presente, a população não abre mão do divertimento e predomina o espírito da brincadeira e da alegria.

Pirenópolis é uma pequena cidade no interior do estado de Goiás e está classificada como ‘Monumento Histórico’ mas é conhecida, principalmente, pela festa da Cavahada momento em que o número de visitantes dobra a população da cidade.

O sucesso da Cavahada na Festa do Divino surpreende por repetir o mesmo ritual todos os anos sem apresentar nenhuma inovação.

Todos os anos, no início de junho, a cidade se mobiliza e se dedica ao preparo dos festejos. A festa se repete anualmente. Repetem-se, também, as mesmas fantasias, o mesmo enredo e a mesma encenação da luta dos cristãos contra os mouros. Na apresentação das Pastorinhas, a mesma coreografia e as mesmas canções são apresentadas no teatro, sempre lotado, durante três noites de apresentação para uma plateia que sabe de cor cada passo, cada verso. (Bueno, 2006, p.100)

A cavahada propriamente dita dura três dias, mas nos dias que antecede a festa os fiéis percorrem as casas e fazendas buscando ofertas para a realização dos festejos. São ofertas por meio das quais os fiéis honram suas dívidas com o Divino. Ninguém é tão pobre que não possa contribuir com alguma coisa quando a ‘bandeira’ do Divino bate à sua porta.

A festa cresceu e para atender aos numerosos visitantes as casas se adaptaram no estilo ‘cama e café’, os bares, restaurantes, lanchonetes se ampliaram. Os artesãos confeccionam artigos ricos e variados e as doceiras se preparam para oferecer as especialidades da região. A cidade ganha animação e seus habitantes se enchem de orgulho embora alguns não aproveitem as inovações e temam a intensificação da parte profana da festa que se desenvolvem ao lado das comemorações religiosas – o barulho da rua invade a devoção das novenas.

Nas comemorações do Divino conta com a encenação da luta dos mouros contra os cristãos, com as novenas e com a procissão. No percurso da procissão é comum ver casas abertas oferecendo aos participantes uma mesa farta com doces e salgados.

No encerramento da festa é feito o sorteio para eleger o novo Imperador que será aquele que levará a Coroa do Divino para casa e que será, durante o ano todo, o representante do Divino. Em sua casa o Imperador reservará um cômodo para colocar a Coroa que ficará à disposição dos fiéis que queiram visitar ou fazer seus votos.

O Imperador, rico ou pobre, importante ou não, receberá as honras da cidade, pois conservará a coroa do Divino em sua casa durante seu ano imperial, comportando todas as deferências que isso representa.

Em função das atividades necessárias para a organização da festa cria-se uma convivência solidária, embora muitas vezes competitiva, que alimenta os laços sociais ampliando e nutrindo a sociabilidade da cidade.

Círio de Nazaré (Belém, Pará, Brasil).

Há um número expressivo de manifestações culturais no Brasil que transitam entre o mundo sagrado e o profano e, uma das mais expressivas é o Círio de Nazaré na cidade de Belém no Pará. Trata-se de um evento considerado como uma das maiores do mundo e consta de uma sequência de rituais e comemorações que dura quinze dias e atraem devotos e turistas.

É a primeira manifestação religiosa a ser reconhecida como ‘bem cultural’ pelo IPHAN⁵ em 2004 e, em 2013, foi eleita pelo UNESCO como Patrimônio Imaterial.

Com sólida tradição cultural, trata-se de uma festa religiosa com mais de dois séculos de história para celebrar a devoção a Nossa Senhora de Nazaré, e que tem sido, gradativamente, ampliada pela inclusão de práticas que no dizer de Amaral (1998) transitam no limite da religiosidade.

Com seus múltiplos desdobramentos que mobiliza toda a cidade de Belém, a festa atrairomeiros e turistas de vários lugares.

A origem de Nossa Senhora de Nazaré é portuguesa e possui uma longa e acidentada história tanto em Portugal como no Brasil. No Brasil começa com o achado da imagem por um caboclo nas margens de um igarapé. As lendas em torno da imagem contribuíram para a sua popularidade assim como os milagres a ela atribuídos.

Hoje, a procissão do Círio apresenta um caráter de espetáculo organizado por corporações religiosas e é constituída por uma sequência de eventos que, segundo Amaral (1998), três deles são os mais significativos – são eles: as procissões do Círio, o arraial ou a festa propriamente dita e o almoço do Círio. De certa forma esses são o ponto forte das comemorações que direcionam os outros eventos.

Há uma sequência de procissões. Na sexta-feira os motoristas de carro prestam a sua homenagem – a imagem é levada até o município de Ananindeua pernoitando na catedral local. No sábado, pela manhã, é levada através da Baía de Guajará acompanhada por uma procissão de embarcações como homenagem dos pescadores. Ao desembarcar é acompanhada por uma procissão de motoqueiros até a Basílica. À noite, a imagem sai da capela Gentil Bittencourt acompanhada por uma multidão com velas acesas e, no domingo, a procissão faz o caminho inverso. Essa ocasião, segundo Alves (1980) consta de três espaços; o primeiro pelas autoridades civis, militares, eclesiásticas e convidados, o segundo é composto do grupo que segura a corda. Para segurar a corda, as pessoas se submetem a muitos sacrifícios como chegar de madrugada para conseguir lugar, caminhar descalço comprimidos uns aos outros num calor escaldante. No fim da procissão a corda praticamente desaparece pois todos disputam um pedaço dela para guardarem como relíquia. E o terceiro é composto pelos acompanhantes – uma gigantesca massa compacta de devotos. Nela se insere o carro dos milagres com representações das graças alcançadas e o carro dos anjos no qual crianças vestidas de anjo cumprem promessas também em agradecimento por graças recebidas. A virgem é transportada numa luxuosa berlinda seguida de devotos visivelmente emocionados.

⁵ Instituto de Patrimônio Histórico Nacional

O arraial é o local de encontros, circulação de pessoas e tem um caráter festivo. Lá são montadas barracas com comidas típicas e grande variedade de produtos. Tem havido esforços para evitar os excessos típicos desses agrupamentos.

O almoço é uma das principais atividades do ciclo de festejos e se inicia após a passagem da Santa. Esse é um almoço familiar – os parentes distantes vêm compartilhar desse encontro anual por isso ele é chamado de Natal Paraense. O cardápio varia mas dois pratos são obrigatórios pois sem eles não pode ser considerado almoço do Círio – é o pato no tucupi e a maniçoba. A comida assume um caráter simbólico pois a convivialidade exerce um papel importante na dimensão das relações sociais.

Foi necessário a intervenção na infraestrutura da cidade para a recepção dos turistas e devotos, gerando empregos e também um mercado de bens simbólicos – velas, imagens, lembranças e uma ampliação as atividades ligadas às festividades que revertem em benefícios para a cidade. Isso confirma a hipótese de Amaral (1998), segundo a qual as festas brasileiras vêm se tornando um excelente negócio pelo seu forte apelo turístico.

Considerações finais

O turismo interage com as fronteiras possibilitando trocas de conhecimento e de experiências. Com sua expansão e sua popularização verifica-se uma expressiva valorização e uma utilização crescente de traços culturais propagados pelos meios de comunicação.

Hack Neto e Stoll (2013, p.358) dizem que “o uso da internet promove a comunicação, pois possibilita a interação entre os sujeitos e gera novos conhecimentos com base na partilha”. O mesmo se pode dizer do turismo que permite interação entre diferentes culturas.

No entanto Barreto (1999, p. 21) diz que “o interesse turístico pelas manifestações culturais tem sido considerado como um incentivo por uns mas outros, apesar de reconhecer seu poder de dinamizar um destino, temem seu potencial negativo

Não há dúvidas de que há consequências de maior ou menor impacto pelo ato de praticar o turismo. As culturas em contato, a vivência da diferença, e as circunstâncias que provocam a aproximação de grupos de culturas diferentes traz em si a potencialidade de mudanças e de influências boas ou más que afetam a sociedade como um todo alcançando todas as suas instâncias. Para Hack Neto e Stoll (2013. P. 361), “todo ato comunicativo resulta na construção de significados do indivíduo e da sociedade, ou seja, o processo dialético, e na verdade, é praticamente impossível esgotar a significação profunda desse processo”. Não há dúvidas, também, de que a movimentação do mundo moderno e a onipresença dos meios de comunicação faz com que esse processo de aproximação e articulação seja inevitável e de múltiplos significados

Pelo fato dessa interação ser um processo irreversível, talvez seja importante avaliar os pontos negativos evitáveis e promover os aspectos positivos. Além disso é preciso considerar a capacidade de recuperação, reinvenção e reelaboração dos padrões e dos valores de um grupo. “No pensamento pós-moderno, a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção que vai sendo moldado no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante (Barreto, Banducci 2001, p,19).

Nos exemplos citados, embora com algumas poucas vozes discordantes, pode-se dizer que o turismo fomentou a diversidade cultural ao valorizar e preservar a memória de manifestações e interpretações artísticas e religiosas das culturas.

Globalização, modernidade, turismo são forças sociais que dinamizam as relações, e nos exemplos apontados, os valores culturais não se perderam ao se modernizarem e não comprometeram seus padrões de expressão.

Pinheiro (2002, p.4) considera que “desenvolver o turismo sob bases sustentáveis compreende valorizar a história e a cultura das destinações alvo, ofertando aos visitantes o patrimônio históricos cultural que caracteriza a comunidade, a qual, por sua vez, é estimulada a se reconhecer como ator social que constrói e reconstrói sua história.

O fato é que o turismo estimula e valoriza as peculiaridades de cada grupo e, parece haver um consenso de que as comunidades ao preservar, encenar e reproduzir seu legado histórico têm ampliado a auto-estima e a qualidade de vida dando um caráter dinâmico e plural na vivencia com a alteridade.

Referências Bibliográficas

ALVES, Isidoro (1980). “O carnaval devoto” Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis; Vozes.

ANDRADE, Odinéia. (2002). Arte e cultura regional. Manaus; Somalu, v.2, número especial.

BANDUCCI JR, Álvaro & BARRETTO, Margarita.(2001) Turismo e identidade local: uma visão antropológica. Campinas, Papirus.

BARRETTO, Margarita(1995). Manual de iniciação ao estudo do Turismo. Campinas; Papirus.

BUENO, Marielys Siqueira.(2006). Festa: o dom do espaço. São Paulo: Revista Hospitalidade, ano III, n. 2 – 2. Semestre. Ed. Anhembi-Morumbi.

CAVENAGHI, Airton & BUENO, Marielys Siqueira & CORREA, René Nascimento.(2012). Festa e Turismo: por uma relação possível. Caxias do Sul, Turismo e Hospitalidade, vol.4, n. 4.

HACK NETO, EDUARDO & STOLL, Sueli Maria.(2013). Comunicação e globalização: paradoxos da aldeia turística. in RUSCHMANN, Doris Van de Meene & TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). Turismo, Ensino e práticas interdisciplinares. São Paulo; Manole.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra.(1995). Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In YÁSIGI, Eduardo & CARLOS, Fani Alessandri & CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Turismo, espaço, paisagem e cultura. São Paulo; Hucitec.

PINHEIRO, Mirian Teresinha.(2013) Valorização do Patrimônio histórico-cultural: uma perspectiva sustentável para o desenvolvimento turístico. In RUSCHMANN, Doris Van de Meene & TOMELIN, Carlos Alberto (orgs.). Turismo, Ensino e Práticas interdisciplinares. São Paulo; Manole.

VILLADARY, Agnès.(1962). Fête et vie Quotidienne. Paris; Les Éditions Ouvrières.